

Anais do IV Congresso Internacional da ABRALIN

Associação Brasileira de Lingüística
Universidade de Brasília

Lúcia Maria Pinheiro Lobato
Stella Maris Bortoni-Ricardo
Ana Suelly Arruda Câmara Cabral
Heloisa Maria Moreira Lima Salles
Maria Marta Pereira Scherre
Daniele Marcelle Grannier

(Organizadores)

2005

Equipe editorial

Coordenação e supervisão editorial ■ Ana Suely Arruda Câmara Cabral e Sanderson Castro Soares de Oliveira

Assistente de supervisão

Eliete Bararuá Solano

Editoração eletrônica ■ Eugênio Felix Braga

Webmaster

Ricardo Ferreira

Apoio

CNPq; CAPES; União Latina; Editora Contexto; CESPE/UnB; Secretaria de Ciência e Tecnologia para a Inclusão Social/ MCT;

Programa de Pós-Graduação em Lingüística – UnB; Departamento de Lingüística;

Línguas Clássicas e Vernácula – LIV/UnB; Laboratório de Línguas Indígenas – LALI/UnB.

Capa

Rudá Cabral de M. Barros

Congresso internacional da ABRALIN (4. : 2005) / Anais do IV congresso internacional da ABRALIN. -- Brasília : [s.n.], 2005. 1600 p.

Publicação somente on-line

1. Lingüística teórica e descritiva. 2. Fonética e fonologia.
3. Teoria da gramática. 4. Línguas de sinais. 5. Línguas indígenas. 6. Análise do discurso. 7. Morfossintaxe. 8. Psicolingüística. 9. Lexicologia e lexicografia.

AS LÍNGUAS WAURÁ E MEHINÁKU DO BRASIL CENTRAL

Angel CORBERA MORI (UNICAMP)

INTRODUÇÃO

O livro que pode ser considerado como um clássico da etnologia brasileira é, sem dúvida, *Entre os aborígenes do Brasil Central* escrito pelo explorador alemão Karl Von de Steinen (1866[1940]). Esta obra caracteriza-se por apresentar as primeiras informações dos povos indígenas que se encontram na região do Xingu, atual parque Indígena do Xingu, MT. Além de trazer informações etnográficas e geográficas, o referido clássico contém observações linguísticas sobre as línguas faladas pelos povos xinguanos, entre eles os Arawák ou Nu-Aruak. Segundo Steinen (op. cit: 197), “[o]s Nu-Aruak se dividem em duas subtribos: os Nu e os Aruak. “Nu” é o prefixo dominante dessas tribos, é o prefixo característico pronominal da primeira pessoa [...] os Mehináku, Kustenaú e Yaulapiti são Nu-Aruak” Desses quatro povos citados, só os Kustenaú desapareceram como grupo autônomo (Franchetto, 2001). De acordo com as observações de Steinen, é possível reunir “numa só tribo os Mehináku, Waurá e Kustenaú (op. cit: 197). Para ele, as três tribos falam exatamente o mesmo idioma: “Constituem também [...] uma só unidade etnológica [e] podem ser chamadas tribos ceramistas, palavra que exprime bem o seu distintivo etnológico, mais característico. Temos também os Yaulapiti, com um idioma bem semelhante. Mas percebe-se, claramente, pelo seu dialeto ser uma tribo Nu-Aruak” (op. cit. 197-98). As observações de Steinen são confirmadas atualmente. Por exemplo, Rodrigues (1986:68-69) afirma que as línguas Mehináku, Waurá e Yawalapiti “têm características em comum, mas o Yawalapiti diverge um pouco mais das outras duas, que estas entre si”. De fato, constata-se que tanto a língua Waurá é inteligível para os falantes Mehináku, quanto esta para os Waurá. Contudo, ambas as línguas guardam algumas diferenças tanto no léxico como no sistema fonético-fonológico.

Junto às informações etnográficas, o livro de Steinen inclui uma seção de apêndices constituída por listas breves de palavras correspondentes a línguas da família Tupi, Karib e Nu-Aruak, além de Trumai, Bororo e Paressí. Como objetivos deste trabalho, propõe-se uma análise da lista de itens correspondente às línguas Waurá e Mehináku, trazendo à discussão a representação grafêmica empregada por Steinen (1866[1940]) e mostrando as equivalências fonéticas desses mesmos dados a partir da fala dos Mehináku e Waurá atuais. Os dados do Mehináku são considerados a partir de nosso trabalho de campo que vemos realizando junto aos falantes dessa língua¹. Os dados do Waurá foram tirados dos trabalhos de Richards (1973, 1977, 1988).

¹ Gostaria de expressar meus agradecimentos a Lincoln Almir Ribeiro (UFMG) e a Gláucia Cândido (UEG) pelas correções e observações pertinentes. Os erros presentes no trabalho são, naturalmente, de minha responsabilidade.

LOCALIZAÇÃO E POPULAÇÃO

Em sua primeira visita ao Xingu, em 1884, Steinen encontrou três aldeias Mehináku, uma de Waurá, uma de Kustenau e duas de Yawalapiti. Atualmente, tanto os Waurá quanto os Yawalapiti mantêm uma aldeia, respectivamente. Contudo, os Mehináku que, até o final do ano de 2003, mantinham apenas uma aldeia, agora habitam em duas aldeias.

A população Mehináku consta atualmente de, aproximadamente, 200 pessoas que habitam a região dos rios Tuatari e Kurisevo. Os Waurá são mais ou menos 300 pessoas e se localizam nas proximidades da lagoa Piyulaga, região do rio Batovi, parte ocidental da bacia dos formadores do rio Xingu. O povo Yawalapiti que conta com, aproximadamente, 208 indivíduos se localiza na parte Sul do parque Xingu, no encontro dos rios Tuatari e Kulune, a uns cinco quilômetros do Posto Leonardo Villas Boas. Ao contrário dos Waurá e dos Mehináku, que são praticamente monolíngües na própria língua materna, os Yawalapiti falam preponderantemente as línguas Kuikuro (Karib) e Kamayurá (Tupi-Guarani). Esse fato é o resultado do casamento com falantes dessas línguas.

VOCABULÁRIOS MEHINÁKU E WAURÁ EM STEINEN

De acordo com Steinen, os vocabulários apresentados como apêndices foram organizados “com a maior uniformidade [e] limitam-se a substantivos, aos pronomes pessoais da primeira e segunda pessoas, cores, números e negação” (op. cit: 661). Uma contagem das entradas mostra 245 itens para a língua Mehináku e 186 para o Waurá.

Representação grafêmica dos segmentos

Para a escrita dos segmentos, Steinen empregou as letras do alfabeto latino. Em alguns casos usou símbolos específicos, dando suas características articulatórias a partir do sistema fonético das línguas europeias alemão, francês e inglês. Para a análise dos vocabulários das línguas Mehináku e Waurá são relevantes as seguintes grafias e descrição fonética apresentadas pelo autor (op. cit: 662):

(1) *v* como *w* alemão; *χ*, som gutural correspondente ao *ch* alemão, formado na parte mediana do céu da boca; *š* equivale ao *ch* francês; *s* equivale ao *ç* francês; *z* equivale ao *z* francês; *ð* soa como *th* inglês; *til* ^{◌̃} indica nasalização. A nasalização não aparece representada em palavra alguma seja do Mehináku seja do Waurá.

MEHINÁKU

A análise do vocabulário Mehináku permite-nos estabelecer uma tabela com os grafemas que, supostamente, corresponderiam aos fones/fonemas da língua falada na época que Steinen visitou, pela primeira vez, o Xingu.

(2)	p	t		k	
	b			dy	
	m	n		ñ / ny	
		z	ž		χ h
		rz	rž		
		ts		tš / ch	
		tz			
		ð			
		l			
		r			
	v			y	

Consoantes

As grafias <p>, <t> e <k> não apresentam problemas em sua descrição fonética, pois correspondem aos fonemas oclusivos surdos nas posições bilabial, alveolar e velar, respectivamente. A consoante sonora bilabial que aparece na tabela é, sincronicamente, uma variante livre de sua correspondente surda, como se pode ver em (3).

(3)	nu-kirabe	‘boca’ ²	nu-kiʃapi	‘meu lábio’
	pebulu	‘palmeira’	puʔpulu	‘palmeira’

O dígrafo <dy> corresponderia ao fonema pós-alveolar /tʃ/. Na fala atual dos Mehináku, esse fonema pode ocorrer ligeiramente vozeado, quase como [dʒ].

(4)	enutsidya	‘trovoada’	enuʔtʃitʃa
	mepehidya	‘cera’	mepehitʃa

Na série das consoantes nasais, os grafemas <m> e <n> correspondem aos fonemas atuais nos pontos bilabial e alveolar, respectivamente. Os seguintes exemplos mostram essa realização:

(5)	kame	‘sol’	‘kami
	amaka	‘rede’	a'maka
	matapu	‘zunidor’	ma'tapu
	nuana	‘braço’	nu-'wana
	niðupalo	‘filha’	n-itsu'pa-lu

A grafia <ñ> e o dígrafo <ny> representam o fone palatal [ɲ] que é manifestação fonética do fonema aproximante palatal /j/. Esse fonema ocorre como [ɲ], ou simplesmente como aproximante nasalizada [ɲ̃], quando está seguida por vogal nasalizada.

(6)	iñatí	‘fio de buriti’	ɲa'ti ≈ ɲ̃ã'ti
	nukunytapa	‘escroto’	nu-kuɲu'tapa ≈ nu-kuɲũ'tapa
	uwanyu	‘guiso para os pés	waɲũ
	iñái	‘arco’	ɲ̃n'tai

² A glosa correta é ‘meu lábio’. ‘Minha boca’ seria {nu-kanatí}. As separações morfológicas são de minha autoria. Steinen não fez análise morfológica em seus dados.

As letras <z>, <ẓ> e os dígrafos <rz>, <rẓ> e <tẓ> têm suas correspondências fônicas no atual fonema fricativo retroflexo surdo /s/. Esse segmento recebe, muitas vezes, um ligeiro vozeamento, fato fonético que possivelmente foi percebido por Steinen. Daí as diversas letras empregadas pelo citado autor. Os dados, a seguir, mostram o uso dessas grafias e suas transcrições fonéticas na fala atual.

(7)	kama tirizüka	'kami tiʃiʃika	'meio-dia'
	zepí	ʃe'pi	'banquinho'
	pekõẓo	p'i'kiʃi	'aguti' ('cutia')
	irzörzo	nu-'ʃeʃu	'irmã mais nova'
	nurzikutako	nu-wi'ʃiku'taku	'palma da mão'
	tenerẓu ihé	t'i'niʃu i-'hĩ	'mamila' (Lit. leite de mulher)
	kerẓi	'keʃi	'lua'
	mühitẓá	mih'i'ʃa	'vermelho'

O som gutural [χ] <χ>, segundo a definição de Steinen, ocorre apenas na palavra *iχüu*, sincronicamente, *ihü* 'sal'. Steinen também grafou essa palavra como *echeu*, *eyöu* 'sal'. A letra <h> corresponde ao segmento fricativo glotal surdo em todos os casos, como se mostra nos seguintes exemplos.

(8)	kähü	'kehi	'terra'	
	pahö	'pahi	'macaco'	
	hímia	ihimiyã	'vento'	cf. ihimĩã
	himialai	himia'lai	'fumaça'	

O dígrafo <ts> é de fácil interpretação. Em todos os casos esse grafema corresponde ao segmento africado alveolar surdo /ts/. O correspondente <tš>, ao contrário, pode representar os segmentos /tʃ/ ou /ts/. Outras vezes, a africada /ts/ pode ter sua correspondência no dígrafo <tz>. Os dados, a seguir, exemplificam esses casos.

(9)	ahítsa	'aitsa	'negação'
	itséi	i'tsei	'fogo'
	pitsa	pitsa-'tai	'cuia'
	petsü	'pitsu	'você'
	nitšikiu	ni-'tʃitʃu	'barriga'
	atširu	a'tsi-ru	'avó' ³
	pauítza	pa'witsa	'um'

A letra ð que, segundo Steinen, "soa como *th inglês*" parece corresponder à africada alveolar /ts/. A referida letra foi verificada em, apenas, uma palavra como correspondente à atual africada pós-alveolar /tʃ/, como mostram os seguintes dados.

(10)	nukíðapa	nu-ki'tsapa	'pé'
	niðupalo	n-itsu'pa-lu	'filha'

³ É muito provável que {-ru} seja o marcador feminino que, justamente, ocorre em outras línguas arawák.

nukíðapapenu	nu-ki'tsapa'penu	'dorso do pé'
oðikuí	utʃitʃuí	'bebida pogu' ('mingau')

Os grafemas <l>, <r>, <v> e <y> têm suas equivalências nos segmentos lateral /l/, tepe /r/ e nas aproximantes lábio-velar /w/ e palatal /j/, respectivamente. Contudo, quando <r> faz parte dos dígrafos <rz> e <rž> pode corresponder à fricativa retroflexa /ʃ/. Em (11), tem-se palavras escritas com a letra <v> e sua transcrição fonológica atual. Os três últimos itens em (11) mostram a relação de <rz> e <rž> com o fonema /ʃ/.

(11)	nuteve	nu-'tewe	'dente'
	vakala	wa'kala	'cegonha gigante' ('garça')
	veruya	weru'ja	'amarelo'
	uveze	e'weʃe	'lontra' ('ariranha')
	kerž̃i	'keʃi	'lua'
	tirž̃utapa	i'tiʃu'tapa	'papagaio'
	irzörzo	i-'ʃeʃu	'irmã mais jovem'

Vogais

A análise dos dados apresentados por Steinen permite-nos identificar oito grafemas vocálicos. A distribuição dessas vogais é consignada na tabela seguinte.

(12)	i	ü	u
	e	ö	o
	ä	a	

As letras <ö> e <ü> pelo que se pode constatar são, na realidade, alógrafos da vogal alta central /i/. Verifica-se essa relação ao compararmos as palavras que aparecem no vocabulário de Steinen com suas transcrições fonéticas atuais.

(13)	nukapüteu	nu-kapü'tiu	'dedo'
	inapü	i-'napü	'osso' ('espinho')
	iχüu	i'hü	'sal'
	mühitžá	mih'ʃa	'vermelho'
	pahö	'pahi	'macaco'
	peközo	pik'ʃi	'aguti'
	köka	h'ka	'tabaco'

As letras <o> e <ä> grafadas por Steinen, representam, na fala atual, os segmentos vocálicos /u/ e /e/, respectivamente. É bastante comum que essas duas vogais ocorram, na fala dos Mehináku, como [o] e [e] respectivamente, mas não possuem a função de fonemas na língua. Alguns exemplos são apresentados em (14).

(14)	kähü	'kehi	'terra'
	täme	'teme	'tapir' ('anta')
	uläpe	u'lepe	'beiju'
	nuteo	nu-'tiu	'cabeça'

zakalo	ʃa'kalu	‘papagaio’
nuanototako	nu-'wanatu'taku	‘palma da mão’
amunao	amu'nau	‘cacique’

As outras três grafias <i>, <e> e <a> correspondem aos fonemas vocálicos /i/, /a/, /e/ atuais, como se verifica a seguir.

(15)	nukiri	nu-'kiri	‘meu nariz’
	nupanatako	nu-'pana'taku	‘meu peito’
	nutukanate	nu-'tuku'nate	‘meu umbigo’

WAURÁ

Os dados sobre o Waurá permitem-nos identificar as letras que, na seqüência, listamos.

Consoantes

Como no caso da língua Mehináku, a distribuição das consoantes em Waurá segue, aproximadamente, o mesmo padrão articulatorio descrito para essa língua, como se vê na tabela seguinte.

(16)	p	t	ty	ky	k
	b		dy		g
	m my	n	ny/nh		
		z	ž		h
		rz	rž		
		ts	tsy		
		ð			
		dz			
		l			
		r			
	v		y		

Como se pode notar, a maioria dos grafemas coincide com aqueles descritos para o Mehináku. Sendo assim, neste trabalho, serão tratadas apenas as letras que diferem daquelas apresentadas para essa língua, entre elas <ty>, <ky>, <g>, <my>, <tsy> e <dz>. Contudo, a letra simples <ž> e os dígrafos <rz>, <rž> que em Mehináku correspondiam à fricativa retroflexa /ʒ/, em Waurá, relacionam-se com a fricativa retroflexa sonora, isto é, /ʒ/, como mostram os dados a seguir.

(17)	nurzikutago	nu-wi'ẓiku'taku	‘palma da mão’
	paua urzikú	pawã wiẓi'ku	‘cinco’
	muhirẓ̌a	miḥ̣i'za	‘vermelho’
	keẓ̌í	'keẓi	‘lua’
	pekōẓ̌i	pi'kiẓi	‘aguti’

Por outro lado, o grafema simples <z> reflete-se, na fala atual, como o segmento fricativo surdo /s/ que, foneticamente, pode ser articulado com certo vozeamento. Os exemplos seguintes mostram a presença dessa letra e sua simbolização fonética respectiva.

(18)	izepiulá	i-sitʃu'la	‘tatuagem’
	zakalo	sa'kalu	‘papagaio’
	kizuíá	ki'suwa	‘branco’
	ziya	'síyã	‘mamila’ (Lit. ‘leite’)

Os dígrafos <ty> e <ky> representam consoantes diferentes nos dados de Steinen. Constituem, na verdade, realizações fonéticas do fonema africado pós-alveolar /tʃ/. A descrição fonética desse segmento dada por Jackson & Richards (1966:13) diz que o fonema “voiceless grooved alveopalatal affricate /č/ fluctuates freely with a palatalised velar stop. (ky) is commoner word initial, (č) word medial, but fluctuation is free in all environments”. Os autores não fazem menção à consoante (ty), mas a análise dos dados corrobora que <ty>, e também <ky>, corresponde ao segmento /tʃ/, como se mostra nos exemplos a seguir.

(19)	nu-tuetyu	nu-ti'witʃu	‘fronte’
	nitsítyu	ni-'tsitʃu	‘barriga’
	ityualá	itʃu'la	‘azul’
	enu'sítýa	enu'tsitʃa	‘trovoada’ (‘trovão’)
	nikyetu	ni-'tʃetu	‘joelho’
	tsaikýú	'tsaitʃu	‘buriti’

Finalmente, a letra <g> não seria mais que a representação gráfica do segmento velar sonoro /k/ que costuma manifestar-se foneticamente com um breve vozeamento. Esse fato é evidente pelas afirmações de Jackson & Richards (1966:13), para quem os segmentos [k] e [g] “occur in free fluctuation in all environments”. Nas palavras seguintes, grafadas por Steinen, constata-se a presença de <g> correlacionada com uma transcrição fonética atual.

(20)	nutulunago	nu-tulu-'naku	‘orifício da orelha’
	nurzikutago	nu-wizĩ'taku	‘palma da mão’
	nukirzapatagu	nu-kitsapa'taku	‘sola’

Vogais

O inventário dos grafemas que representam as vogais do Waurá é o seguinte:

(21)	i	ü	u
	e	ö	o
	ã	a	

O leitor pode notar que essas grafias são idênticas àquelas que foram apresentadas para a língua Mehináku. Nesse sentido, os valores fonéticos e grafêmicos descritos para essa língua aplicam-se, igualmente, para o Waurá. Exemplos com mostras das vogais <ü>, <ö>, <o> e <ã> são apresentados em seguida:

(22)	inapü	i-'napĩ	‘osso’
	kehüté	ke'hiti	‘terra’

höka	hi'ka	'tabaco'
pahö	'pahi	'macaco'
iyäpe	i'yepe	'arco iris' ('nuvem')
äpi	e'pi	'machado de pedra'
nupunako	nu-punu'naku	'nuca'
zakalo	sa'kalu	'papagaio'

CONCLUSÕES

A análise das listas de palavras apresentadas na obra de Steinen permite-nos assumir que as consoantes relevantes para a língua Mehináku são: *p, t, k, m, n, š, h, ts, tš, l, r, v, y*. Para o Waurá são os segmentos *p, t, ty, k, m, n, ž, h, ts, l, r, v, y*. Em se tratando das vogais, ambas as línguas partilham o mesmo registro de segmentos, ou seja, *i, e, ü, u, a*. Essas grafias refletem, de certo modo, os fonemas atuais desses dois sistemas lingüísticos, a menos de alguma análise mais precisa que seria realizada em um estudo mais sistemático do componente fonológico do Mehináku e Waurá.

O que se pode constatar é que a grafiação das línguas feita por Steinen está muito perto de uma transcrição fonética das palavras nativas, fato que se desprende ao compararmos as listas do autor citado com dados atuais coletados em trabalho de campo.

Em suma, uma tabela atualizada, considerando-se somente a lista de palavras publicada por Steinen, mostraria o seguinte quadro fonológico aproximado dessas duas línguas.

Mehináku

Consoantes

p t k
 m n
 š h
 ts tf
 l
 r
 w j

Vogais

Waurá

Consoantes

p t tʃ k
 m n
 z h
 ts
 l
 r
 w j

Mehináku / Waurá

i ü(ï) u
 e
 a

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FRANCHETTO, Bruna. Línguas e história no Alto Xingu. In: _____; Michael

Heckenberger (Orgs.). *Os povos do Alto Xingu. História e Cultura*, p. 111-156. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2001.

JACKSON, E.; RICHARDS J. *Waurá tentative phonemics statement*. Arquivo Lingüístico nº 104. Brasília, DF: SIL, 1966.

RICHARDS, Joan. Dificuldades na análise da possessão nominal na língua Waurá. *Série Lingüística* 1: 11-29. Brasília, DF: SIL, 1973.

_____. Orações em Waurá. *Série Lingüística* 7: 141-184. Brasília, DF: SIL, 1977.

_____. A estrutura verbal Waurá. *Série Lingüística* 9(2): 192-218. Brasília, DF: SIL, 1988.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. *Línguas Brasileiras. Para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

STEINEN, Karl Von den. *Entre os aborígenes do Brasil Central*. São Paulo: Departamento de Cultura, 1886[1940].